

## LIBERDADE OU SERVIDÃO? A PSICOPOLÍTICA DO NEOLIBERALISMO

**Resenha do livro:**

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder.** Belo Horizonte: Ayune, 2020.

Rhuann Fernandes<sup>1</sup>

A ideia de liberdade, que traz consigo a percepção da possibilidade de autorrealização individual, é tida atualmente como valor essencial nas sociedades ocidentais regidas por políticas neoliberais, constituindo-se, conforme Luc Boltanski e Ève Chiapello (2009), como a excelência na qual o espírito do capitalismo é incorporado pelos sujeitos. O filósofo germano coreano Byung-Chul Han (2020) afirma, em sua obra *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*, traduzida por Maurício Liesen que, no neoliberalismo, o que efetivamente temos é uma crise da liberdade.<sup>2</sup>

O autor discute, extensivamente, a ideia de liberdade, trabalho e subjetivação no regime neoliberal em 13 capítulos curtos: 1. *Crise da liberdade*; 2. *Poder inteligente*; 3. *A toupeira e a serpente*; 4. *Biopolítica*; 5. *O dilema de Foucault*; 6. *A cura como assassinato*; 7. *Choque*; 8. *Amável grande irmão*; 9. *O capitalismo da emoção*; 10. *Gamificação*; 11. *Big data*; 12. *Para além do sujeito*; 13. *Idiotismo*. Com perspectivas, a meu ver, inéditas sobre essas temáticas, Han (2020) instiga o leitor à reflexão acerca do tempo presente, da nova condição da humanidade, que é perpassada por aquilo que o autor denomina de “astúcia do capital”.

Segundo o filósofo, a atual sociedade reflete a transformação do ser humano em um trabalhador integral, incapaz de desfrutar de um tempo livre que não seja absorvido pelo tempo de trabalho. Embora a produtividade em constante crescimento proporcione uma sensação crescente de liberdade, essa liberdade não é direcionada para o ócio. Em vez disso, é utilizada principalmente para recuperar-se do trabalho e para o consumo. O *animal laborans* só conhece

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Sociais no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS-UERJ). E-mail para contato: rhuannfernandes.uerj@gmail.com.

<sup>2</sup> No momento atual, Han é professor de Filosofia e Estudos Culturais na Universität der Künste, em Berlim, e é autor de diversos ensaios sobre neoliberalismo, globalização, plataformas digitais e hipercultura. Entre eles, destacam-se: *Agonia de Eros* (2017); *O aroma do tempo* (2016); *A sociedade do cansaço* (2015) e *A sociedade da transparência* (2014).

intervalos, mas não momentos de tranquilidade contemplativa. Não à toa, há uma crença generalizada de que assistir séries e filmes em streaming e/ou interagir nas plataformas digitais é uma prática de descanso. Entretanto, com tal ato, embora as pessoas entendam que estão livres para relaxar e se conectar, consomem desenfreadamente e fornecem seus dados pessoais, intenções e preferências para movimentar o capital das *big techs*. Nisso reside a astúcia do capital.

Han (2020) argumenta que, nas sociedades contemporâneas, o capitalismo adotou uma estratégia mais sutil, insidiosa e eficaz de violência em comparação com outros momentos históricos. Essa forma de violência opera em nível neural, afetando a mente e a percepção da realidade. Segundo Han (2020), ocorre uma pressão constante para as pessoas serem produtivas, eficientes e bem-sucedidas, com uma valorização do trabalho e da produtividade que leva, segundo o autor, a um “excesso de positividade”. Ou seja, ao buscarem constantemente experiências positivas, sucesso e felicidade, as pessoas geram em si mesmas uma pressão interna para serem sempre ativas e produtivas.

A violência neuronal surge dessa pressão e se manifesta de várias formas, como com a exigência de estar sempre disponível, a necessidade de se auto-otimizar constantemente e falta de tempo para o descanso e a reflexão. Isso gera estímulos contínuos, trazendo sobrecarga e esgotando os recursos neurais dos indivíduos, levando a uma sensação de cansaço crônico e esgotamento. Além disso, Han (2020) argumenta que a violência neuronal também se evidencia em uma perda da capacidade de resistência e de crítica. Os indivíduos estariam tão imersos na cultura da positividade e da produtividade que acabam aceitando suas condições como normais, sem questionar seus efeitos em sua saúde mental e emocional.

Exemplo disso seria a cultura do trabalho atual, consolidada com a pandemia de Covid-19, em que o constante acesso à tecnologia mantém as pessoas sempre conectadas e disponíveis, mesmo fora do horário de trabalho. Isso gera uma pressão constante para responder a e-mails, mensagens e demandas de trabalho, mesmo quando estão em casa, resultando em uma invasão do tempo pessoal e do espaço de descanso. Por exemplo, a ideia de “flexibilidade”, muitas vezes pautada por empresas que operam o regime *home office*, é frequentemente promovida como uma vantagem. No entanto, essa flexibilidade se traduz em uma maior demanda por disponibilidade constante e por borrar a linha entre vida profissional e pessoal, o que pode resultar em um aumento do estresse e do cansaço.

Nesse sentido, Han (2020) afirma que a base do século XXI seria o princípio neural. Isso porque o novo paradigma da subjetividade para elevação da produtividade é o do

desempenho que está concatenado à noção de ser livre. Nessa lógica, teríamos tecnologias para o desenvolvimento de um capital mental visando à maior produção e maximização individual, na qual o cérebro saudável é pensado como redução de custos. Quer dizer, haveria amplo interesse e investimento, por parte dos indivíduos, para promover o bem-estar mental, em que seriam compensados pela redução de dias de trabalhos perdidos por depressão e/ou estresse, por exemplo.<sup>3</sup>

De acordo com Han (2020), o desenvolvimento das políticas neoliberais no século XX e sua intensificação no século XXI levam o eu a se submeter a coações não mais externas, mas internas. O autor afirma que seria esse o drama do sujeito neoliberal voluntariamente coagido para aumentar a sua presença e eficácia no mercado e no capital. Ao falar sobre esse *modus vivendi*, o filósofo identifica uma crise na noção de liberdade, principal postulado do eu no mundo ocidental. De acordo com ele, nós temos, no neoliberalismo, a liberdade transformada numa aparência, em que a liberdade do sujeito está escondida na próxima atividade laboral, em que ser livre é ser produtivo.

Isso surge devido ao imperativo do aumento constante de rendimento e à otimização do desempenho individual. O “poder fazer”, aparentemente livre, resulta da coação interna de cada sujeito. Nessa sequência, o principal elemento constitutivo do neoliberalismo, para Han (2020), é o descobrimento dos neurônios como uma força produtiva para fundamentar a exploração. Esse anseio, então, consiste na otimização pessoal para o aumento da eficácia no trabalho. No sentido prático, o indivíduo enxerga a possibilidade de melhoria de suas qualidades a tal ponto de estar inclinado a usar o seu tempo livre para aperfeiçoar e melhorar sua atuação.

Há uma ideia permanente de autossuperação. O diagnóstico de Han (2020) sobre o tempo presente é que a liberdade está dissipada, ela consiste no usar voluntariamente o suposto tempo livre, sempre disponível, para trabalhar ainda mais. O autor argumenta que a sensação do tempo livre faz o sujeito usá-lo para continuar a trabalhar em virtude da pressão da otimização, da melhoria de seus atributos pessoais, que serão aplicados a futuras funções profissionais. Por conta dessa autoexploração, o indivíduo orienta a agressão em direção a ele mesmo, não a um capitalista. Trata-se de uma espécie de autoagressão que transforma o explorado em um ser deprimido, no qual se manifestam as doenças neurológicas, tais como a

---

<sup>3</sup> O ensaio “Exaustos-e-correndo-e-dopados”, de Eliane Brum, mostra como as pessoas, na sociedade de desempenho, têm se esforçado livremente e com grande apreço para trabalharem cada vez mais. Nesse ritmo, tornam-se exaustas e, para suportar essa condição inumana, se dopam com frequência. Ver: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464\\_246482.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464_246482.html). Acesso em: 10 abr. 2024.

depressão e a ansiedade. Ao responder que “pode fazer” para maximizar sua eficácia, o sujeito é interpelado em seus neurônios.

A presença massiva de empresas e literatura de aconselhamento emocional, terapia e autoajuda surgem para auxiliá-lo nesse processo. A psicopolítica se desenvolve nessa indústria na qual o sujeito precisa desenvolver uma consciência ativa e fica permanentemente confrontado com o imperativo de otimização pessoal e rendimento por meio de sua “liberdade”. Atualmente, essa indústria é tão evidente no contexto ocidental que os livros apresentam, até mesmo em suas capas, orientações e conselhos, apontando o que fazer para se tornar melhor, com promessas e traduções das receitas para viver bem e para o sucesso.<sup>4</sup>

Han (2020) destaca que, na produção discursiva dessa literatura especializada, para lidar melhor com as doenças do *animal laborans*, não se problematiza o neoliberalismo e suas vicissitudes, naturaliza-se. Não por acaso, em tais obras, a solução para lidar com as complicações é desenvolver ferramentas dentro de si para se tornar uma pessoa melhor, para “seguir em frente”, para se continuar produtivo. A maioria dos livros de autoajuda ou os que são chamados hoje de livros de negócio/empreendimento prometem auxiliar as pessoas a serem vitoriosas, a descobrirem “o segredo”, a perseguirem os objetivos apesar das dificuldades, a terem sucesso e a nunca desistirem dos sonhos. Aliás, os indivíduos teriam, naturalmente, a liberdade para ser o que quiserem.

Com enunciados de trabalho e sucesso, essas obras revigoram o mito do *self-made man* e estabelecem relações com a cultura terapêutica e com a meritocracia. Assim, é necessário superar-se, pois as principais dificuldades somos nós mesmos. Esses livros almejam um resultado comum: o indivíduo deve deixar de culpar os outros por seus fracassos e despertar o *super-hero* adormecido dentro de si. Por isso, explorar os próprios neurônios e emoções é sinônimo de sucesso. Essa perspectiva sustenta, segundo Han (2020), a psicopolítica do neoliberalismo, a forma que o capital encontrou para se multiplicar.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Segundo o site PublishNews, uma das fontes mais confiáveis atualmente do mercado editorial brasileiro, que faz seu levantamento usando números das principais redes de livrarias do Brasil, em 2019, por exemplo, dos dez livros mais vendidos no país, nove eram de autoajuda e um voltado para saúde financeira. O que não foi muito diferente do ranking dos mais comercializados em 2018. Para ilustrar a questão dos títulos “atraentes” presentes nas capas, temos em ordem dos mais vendidos: *A sutil arte de ligar o foda-se*; *O milagre da manhã*; *Seja foda*; *Do mil ao milhão*; *O poder da autorresponsabilidade*; *O poder oculto*; *Mais esperto que o Diabo: o mistério revelado da liberdade e do sucesso*; *O poder da ação*; *Os segredos da mente milionária*. Para maiores informações, ver: <https://www.publishnews.com.br/ranking>. Acesso em: 14 mar. 2022.

<sup>5</sup> Dessa forma, o capitalismo consagra sua expansão e o tempo produtivo da atividade humana é testado até o seu extremo: nos limites do sono, que é tido como obstáculo a ser superado. Sobre esse debate, ver o trabalho de Jonathan Crary (2014).

Embora indiretamente, Han (2020) expõe as debilidades teóricas e empíricas dos textos de autoajuda ao interpretá-los como discursos de uma racionalidade política neoliberal. Além da ausência de fatores históricos nessa literatura, nota-se a inexistência de exames microsociológicos. De fato, com o discurso de aconselhamento, obras do gênero tentam transmitir uma ideia de bem-estar da humanidade, partindo de um princípio de humano universal, quando, na realidade, camuflam as relações de exploração e de poder entre empresários e trabalhadores. A linguagem utilizada na literatura de autoajuda organiza um enredo que consente ao capital renovar seu comando nas relações de trabalho.

Por esse ângulo, a astúcia do capital, comentada por Han (2020), traduz-se no fato de o neoliberalismo conseguir se reproduzir por meio da “retórica libertária”. Por isso, o sujeito de rendimento é indispensável, pois, ao pretender “ser livre”, explora voluntariamente a si. Por motivo de autocoerção, o sujeito de desempenho se obriga a utilizar o aparente tempo livre para recuperar o trabalho não realizado no período destinado a ele. Aqui, está presente a ideia de que a liberdade só existe no poder que cada um tem em continuar trabalhando mesmo no suposto tempo livre.

Em um tom pessimista, Han (2020) conclui que o neoliberalismo não nos deixa “tempo livre” no seu verdadeiro sentido. A liberdade individual que aparenta proporcionar rapidamente se transforma em “tempo de servidão”. Em outros termos, esse tempo promete liberdade, mas transfigura-se, na maioria das vezes, em servidão voluntária de nossa parte. Portanto, de acordo com o filósofo, a noção de liberdade individual contemporânea — disseminada e sustentada pela literatura de autoajuda/aconselhamento, por exemplo — é uma técnica de subjetivação relacionada ao avanço das práticas econômicas do neoliberalismo.

## Referências:

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2009.

BRUM, Eliane. Exaustos-e-correndo-e-dopados. **El País Brasil**, São Paulo, 4 jul. 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464\\_246482.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464_246482.html). Acesso em: 10 abr. 2024.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **O aroma do tempo**: um ensaio filosófico sobre a arte da demora. Lisboa: Relógio D'Água, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Ayune, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LISTA de mais vendidos geral de 2019. **PublishNews**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/0/2019/0/0>. Acesso em: 14 mar. 2024.